

A Rapariga que Roubava Livros

Markus Zusak



Não há nada melhor do que ler um livro, acompanhado de um doce café, num dia de inverno. Então, decidi aventurar-me e ler o livro *A Rapariga que Roubava Livros*, publicado por uma das mais conhecidas editoras, a Editorial Presença, e escrito por Markus Zusak.

Toda esta história se passa na época de Hitler e dos nazis, que não era, de todo, uma boa altura para se viver, sobretudo na Alemanha.

As personagens mais relevantes são a Liesel, a protagonista, Hans e Rose Hubberman, os seus pais adotivos, Rudy, o melhor amigo de Liesel, e Max, um homem que aparece mais tarde na história.

O livro começa com Liesel a viajar de comboio com o seu irmão e com a sua mãe. Estas duas crianças iriam ser entregues a

uma família adotiva, mas o menino morreu de repente com um grande ataque de tosse e foi no seu funeral improvisado que Liesel descobriu algo caído no chão. Era um livro, e o seu título era *O Manual do Coveiro*. Naquela altura, ela não sabia ler, mas isso não a impediu de levar a obra consigo.

Logo no dia em que conheceu os pais adotivos, Liesel percebeu que Rose Hubberman era como a tempestade, sempre cheia de raiva, e que Hans Huberman, pelo contrário, era simpático e adorável.

Ao longo do tempo, Liesel tornou-se a melhor amiga de Rudy e este ajudou-a muito na sua adaptação à nova vida.

Entretanto, houve uma fogueira para aclamar Hitler, na qual foram queimados muitos livros. Um deles não ardeu na totalidade e é óbvio que quem o resgatou foi Liesel.

O seu pai adotivo, ao aperceber-se de todos os livros que a menina possuía, decidiu ensiná-la a ler, para que ela soubesse o conteúdo de cada um e, como ela ficou totalmente apaixonada, ainda roubou mais algumas obras.

Entretanto, a mulher do presidente, que tinha assistido ao resgate do livro da fogueira, começou a levar Liesel para sua casa, onde havia uma enorme biblioteca que a menina passou a frequentar.

Certo dia, um homem chamado Max apareceu no número 33 da Rua Himmel, a casa onde a família Hubberman morava. O problema era que Max era judeu e, por isso e por muito mais, a vida de Liesel ficou mais complicada a partir daí.

Ao longo do livro, descobri muitas partes interessantes, quase todas apartes do narrador. Achei-os bastante cómicos, mas também importantes, pois fazem-nos pensar.

Este livro é absorvente pela maneira pormenorizada como o autor o escreveu e também porque, de vez em quando, há fins de capítulos que nos avisam sobre algo que vai acontecer muito depois. Também fiquei surpreendida quando descobri que Markus Zusak escolheu um narrador diferente do de todos os outros livros que já li, ou seja, quem conta a história é alguém extremamente importante, mas um pouco misterioso, de maneira que só nos apercebemos de quem se trata após algumas páginas.

Nota-se ainda que o livro está cheio de cultura e de algumas metáforas. Quanto à cultura, posso já adiantar que há algumas palavras em alemão (já agora, como exemplo, Himmel significa céu). No que toca às metáforas, penso que os livros que as têm são os melhores, porque temos de mergulhar mesmo dentro da história para as podermos entender.

Recomendo vivamente esta obra, que tem ainda muito para descobrir: como é que Max chegou àquela casa; qual foi a razão de ele ter ido para lá; a identidade do misterioso narrador; o final inesperado.

Não há dúvida de que esta história nos domina de tal maneira que não temos coragem para fechar o livro. É, pois, uma obra perfeita.

Catarina Guedes, n.º 4, 8.º B

Ilustração de Carolina Osório, n.º 22, 12.º E